

2

Um outro jeito de fazer jornalismo?

2.1

O que são blogs e como eles surgiram

A definição da enciclopédia livre Wikipédia² para a palavra blog é “página da Web cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente (como um histórico ou diário)”. Essa ordem cronológica é invertida: os textos mais recentes estão sempre no topo, como lembra Rebecca Blood (2003). A autora chama a atenção para o fato de que tal formato precede a criação do *software* que permitiu a popularização dos blogs no mundo e afirma: é ele que determina se uma página na Web é ou não um blog.

Sobre os primeiros blogs, Blood (2000) afirma que cada um era “uma mistura de proporções únicas de *links*, comentários e pensamentos e ensaios pessoais” e lembra que essas páginas eram feitas apenas por pessoas que já sabiam fazer um *website*. Seus autores eram os “entusiastas da web”, acrescenta³.

Bernardo Franco (2005) diz que não há marco zero na história do fenômeno: a origem dos blogs estaria nas listas de discussão que ganharam popularidade nos Estados Unidos nos primeiros anos da Internet comercial, no início da década de 90. Os autores dessas listas começaram a publicar páginas pessoais em que registravam dados da própria vida e, eventualmente, notas e *links* para notícias publicadas na rede. Ainda segundo Franco, no formato como os conhecemos hoje, os blogs surgiram na segunda metade da mesma década.

²Enciclopédia livre disponível na Internet em http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal. Verbete consultado disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Weblog> (acesso em 13 nov. 2006)

³No original: “Each was a mixture in unique proportions of links, commentary and personal thoughts and essays. Weblogs could only be created by people who already knew how to make a website [...] These were web enthusiastic”. Disponível em www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html

De acordo com a revista *Wired*⁴ e também com a Wikipédia⁵, o termo *weblog*, que deu origem à palavra *blog*, foi criado em 1997 pelo internauta John Barger a partir da contração das palavras *web* (rede) e *log* (diário de bordo). Em sua forma atual, foi adotada pelo dicionário Oxford da língua inglesa em 2003 (Quadros et alii, 2005). No Brasil, a palavra consta da edição de 2005 do minidicionário Delta Larousse, mas não foi incluída nas edições do mesmo ano (as últimas disponíveis) dos dicionários Houaiss e Aurélio.

Atualmente, o *software* que permite a publicação de blogs a partir de *templates* pré-configurados é oferecido gratuitamente por portais como Blogger, Blog.com, UOL Blog e Terra, entre outros. O primeiro a disponibilizar a ferramenta aos internautas foi o Pitas, em 1999, segundo Blood (2000). A partir daí, por meio de um computador conectado à Internet por banda larga, passou a ser possível criar uma dessas páginas pessoais em cerca de meia hora.

Desde então, o ritmo de crescimento dos blogs vem aumentando exponencialmente. Em 1999 havia menos de cinquenta deles; no fim de 2000, a quantidade já alcançava a casa dos milhares, segundo a Technorati⁶. Ainda conforme a empresa, até novembro de 2006 a chamada blogosfera possuía em torno de 57 milhões de blogs. A língua portuguesa ocupa a sétima posição entre as mais utilizadas na criação dessas páginas, com apenas 2% do total. A cada dia surgem em torno de 100 mil novos blogs⁷.

Criados como diários *online*, logo os blogs ganharam novos usos. Ainda em 1998, um no formato de boletim *online*, o Drudge Report⁸, revelou que o ex-presidente Bill Clinton mantinha um caso com uma estagiária da Casa Branca, Monica Lewinsky. As repercussões da denúncia, feita por um jornalista desconhecido na época, quase tiraram o mandato de um dos mais populares presidentes da história dos Estados Unidos.

⁴Edição de novembro de 1999. Disponível em <http://www.wired.com>.

⁵Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Jorn_Barger (acesso em 13 nov. 2006).

⁶Empresa especializada em blogs, cujo site está disponível em <http://www.technorati.com/>

⁷De acordo com estudo da Technorati intitulado “The state of blogosphere”, o número de blogs tende a dobrar a cada seis meses. Dados disponíveis em <http://www.sifry.com/alerts/archives/000436.html>.

⁸Disponível em <http://www.drudgereport.com/>

Nas eleições americanas de 2000, os blogs partidários funcionaram como veículos de discussão das propostas dos candidatos à presidência Al Gore, democrata, e George Bush, republicano. O espaço foi, aos poucos, se legitimando como local de expressão de pontos de vista alternativos aos da grande imprensa.

Em 2001, quando um atentado terrorista do grupo fundamentalista islâmico Al Qaeda provocou a derrubada das torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, os blogs deram voz a cidadãos que presenciaram a catástrofe ou que simplesmente sentiram necessidade de expressar suas opiniões sobre o que se passou. Uma das características desses veículos que tem sido celebrada pelos estudiosos da comunicação social é a ampliação do espaço de atuação do emissor – quer dizer, qualquer um pode publicar o conteúdo que desejar sem recorrer a mediadores (Aldé, 2005 e Rezende, 2006, entre outros).

Outro marco na história dos blogs foi a Guerra do Iraque, entre Estados Unidos e Iraque, em 2003. Durante o conflito,

[...] enquanto enviados especiais de grandes emissoras de TV e jornais americanos enfrentavam censura e restrições logísticas impostas pelas tropas de coalizão, blogueiros usaram a Internet para dar notícias que, sem eles, não teriam chegado ao conhecimento da opinião pública. A novidade foi celebrada por teóricos da nova mídia como o fim do oligopólio das grandes empresas de comunicação. (Franco, 2005, p. 9)

O chamado jornalismo-cidadão – informações ou denúncias de cunho jornalístico redigidas por não-jornalistas – teve papel importante para trazer à tona visões alternativas da guerra, a partir dos blogs. Franco (2005) lembra que o mais célebre deles foi o assinado por Salam Pax, um jovem iraquiano cuja verdadeira identidade só foi divulgada depois que o sucesso de seu blog levou o jornal inglês *The Guardian* a contratá-lo para redigir uma coluna, em junho de 2003. Pax, que ficou conhecido como “o blogueiro de Bagdá”, era um arquiteto que serviu de intérprete para o jornalista americano Peter Maas⁹ durante a guerra. Seus relatos chamaram a atenção dos internautas por mostrarem os estragos da guerra a partir de

⁹O jornalista conta a história de como descobriu a verdadeira identidade de Salam Pax em artigo na revista *Slate* disponível em <http://www.slate.com/id/2083847/>

experiências cotidianas. O blogueiro conseguiu, dessa forma, humanizar o conflito – algo que nem sempre os jornalistas dão conta de fazer no dia-a-dia da profissão.

Em 2004, quando tsunamis invadiram vários países asiáticos, e em 2005, quando o furacão Katrina devastou a cidade americana de Nova Orleans, os blogs despontaram como espaço de relatos das vítimas, algumas vezes reproduzidos pelas mídias tradicionais (Castilho, 2005)¹⁰. A presença desses textos em jornais e revistas de vários países indica que, aos poucos, a espontaneidade dos textos dos blogs de não-jornalistas vai ganhando espaço fora dos domínios da Internet.

No Brasil, a criação do Blog do Noblat, pelo jornalista Ricardo Noblat, em março de 2004, foi, segundo Juliana Escobar (2006), um marco na utilização dos blogs como ferramenta jornalística. A autora afirma:

Até então o mais comum na blogosfera brasileira era encontrarmos jornalistas que utilizavam o blog para falar de assuntos alheios àqueles sobre os quais discorriam em seu trabalho cotidiano nos veículos tradicionais. Aqueles que porventura tratassem em seus blogs dos mesmos temas pelos quais se tornaram conhecidos publicamente não chegaram a alcançar a repercussão que Noblat atingiu. (Escobar, 2006, p. 6).

Ricardo Noblat nunca tinha entrado em um blog até ter o seu. Ele ouvira falar que blog era uma espécie de diário de adolescente na Internet. Sabia ainda que seus três filhos, todos na faixa dos 20 anos, se interessavam pela novidade, o que pode tê-lo levado a intuir o potencial do formato. A idéia do blog nasceu quando ele começou a escrever uma coluna semanal no jornal carioca *O Dia*: “Como notícias cavadas no início da semana acabavam envelhecendo antes que a semana terminasse, um amigo sugeriu que eu criasse um blog para ter onde despejá-las¹¹ a tempo e a hora”. (*Observatório da Imprensa*, n. 314, 1 fev. 2005)

¹⁰Em artigo publicado no *Observatório da Imprensa*, o autor contrapõe a cobertura da imprensa tradicional à dos “repórteres-cidadãos”, em seus blogs, na cobertura do Tsunami. Enquanto a maioria dos jornais e revistas fez coberturas burocráticas, atualizando dia a dia, o número de mortos com a catástrofe, os blogueiros conseguiram mostrar o drama dos sobreviventes de modo mais humanizado. O *The Guardian* está entre os veículos que fizeram bom uso dos relatos das vítimas da tragédia. No Brasil, a *Folha Online* reproduziu vários relatos de blogs (informação da autora).

¹¹O uso da palavra despejá-las aqui demonstra que, num primeiro momento, o conteúdo do blog de Noblat era composto de restos de apuração.

Meses depois, quando *O Dia* dispensou Noblat, ele pensou em abandonar também o blog. Chegou a redigir um *post* de despedida dos leitores, mas como muitos pediram que o jornalista desse seqüência ao trabalho, ele decidiu continuar até que surgisse um emprego. A audiência do blog não parou de crescer e até a data de entrega desta dissertação o jornalista ainda não havia deixado de ser blogueiro. A diferença é que a ocupação, que no início não lhe rendia nenhuma remuneração, passou a sustentá-lo¹².

O primeiro grande portal de jornalismo a apostar nos blogs foi o *Globo Online*, ligado ao jornal *O Globo*. Em junho de 2003, todos os colunistas do jornal foram convidados a criar seus próprios blogs. A indicação era de que essas páginas funcionassem como uma extensão de suas colunas. Entre os que aceitaram o desafio estão Tereza Cruvinel, Helena Chagas, Antônio Carlos Miguel, Patrícia Kogut, George Vidor, João Ximenes Braga, Carlos Alberto Teixeira e Luiz Antônio Gravatá. Também foram criados na época o Blog do Bonequinho, abastecido por críticos de cinema de *O Globo*, e três blogs já extintos: o de Mara Caballero, o de Cristina de Luca e o de Jorge Luis Rodrigues¹³. Jorge Bastos Moreno conta que se animou a criar seu blog por incentivo dos colegas. Sua estréia aconteceu em junho de 2004.

O Globo Online convidou todos os colunistas do jornal *O Globo* para terem blog. No início não me interessei. Aí as pessoas todas que tinham blog diziam que era ótimo e um dia resolvi fazer. Lembro-me que inaugurei o blog na época da morte do Brizola. Tinha feito uma entrevista com ele, a última dele, e aproveitei no blog o áudio do material. Gostei da repercussão e fui fazendo. (*Lide*, n. 46, set./out. 2006, p. 8)

Um ano depois, eclodiria a chamada “crise do mensalão”¹⁴, apontada como o divisor de águas quanto à consolidação dos blogs como veículo de cobertura política

¹²O jornalista disse ao *Observatório da Imprensa* que depois de sua saída do jornal *O Dia*, o blog era uma espécie de *hobby* e não lhe rendia dinheiro nenhum. Ele ficou vários meses sendo “sustentado pela esposa” até que, no início de 2005, se deu conta de que vinha obtendo uma audiência relevante e conseguiu negociar uma remuneração com o portal iG (que hospedava seu blog). No fim do mesmo ano, recebeu propostas para ir para o UOL e para o portal do grupo Estado de S. Paulo. Fechou com o Estadão, onde esteve até a conclusão desta dissertação, em dezembro de 2006, mas acertou contratualmente para janeiro de 2007 sua ida para o *Globo Online*.

¹³Informações fornecidas pelo coordenador dos blogs do *Globo Online*, Paulo Mussoi.

¹⁴No dia 7 de junho de 2005, o então deputado federal Roberto Jefferson denunciou a existência de um esquema de pagamento de mesadas a parlamentares em troca de apoio em votações importantes. A distribuição do dinheiro, o “mensalão”, seria feita por integrantes do PT, partido do governo federal.

(Escobar, 2006; Franco, 2005). Ao longo da crise, “os blogs anteciparam inúmeras notícias e se tornaram leitura obrigatória e obsessiva nas redações brasileiras” (Franco, 2005, p. 7). Além disso, se configuraram como fonte de opinião qualificada, informação de bastidores e debate.

No período, os principais blogs políticos conquistaram audiência jamais alcançada por blogs brasileiros. Segundo Franco (2005), em 30 de maio de 2005, o blog de Moreno teve 199 visitantes únicos¹⁵. Sete dias mais tarde, quando Jefferson fez a primeira denúncia do “mensalão”, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, esse número saltou para 6.307. Em agosto de 2005, pouco depois da instalação da chamada “CPI do Mensalão” (20 de julho), a audiência diária de Moreno já era de 10 mil visitas/dia e, no mês, a página recebeu mais de 300 mil visitantes.¹⁶

Foi também em agosto de 2005 que o Blog do Noblat bateu o recorde de 1.907.372 visitantes únicos no mês¹⁷. De acordo com Ricardo Noblat, as visitas diminuíram quando a crise arrefeceu, mas mantiveram-se num patamar muito superior ao atingido antes de surgirem as primeiras denúncias¹⁸.

O nível de audiência alcançado por blogs políticos como os de Noblat e Moreno funcionou como estímulo para que os grupos *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, no início resistentes à nova mídia, passassem a investir nos blogs. Ambos abraçaram o gênero em outubro de 2005¹⁹. A coluna “Nos bastidores do poder”, de Josias de Souza, foi ao ar no dia 15 do mês, doze dias depois que o colunista Ancelmo Góis informou, em sua coluna no jornal *O Globo*, que Noblat havia acertado a transferência de seu blog do iG para o portal do jornal *O Estado de S. Paulo* na Internet (Franco, 2005).

Souza já trabalhava na *Folha de S. Paulo* há 20 anos quando foi convidado a deixar o meio impresso para se dedicar apenas ao blog. Já havia sido repórter, editor,

¹⁵Unidade padrão do controle de audiência na internet que registra uma visita por computador, mesmo que seu usuário acesse a página mais de uma vez no mesmo dia.

¹⁶A audiência do blog em agosto de 2005 foi fornecida pelo coordenador dos blogs do *Globo Online*, Paulo Mussoi.

¹⁷Esse recorde só foi batido em outubro de 2006, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais. Noblat registrou o feito em *post* veiculado em 31 de outubro.

¹⁸Ricardo Noblat deu essa informação em palestra no evento comemorativo dos dez anos do *Globo Online*, realizado em 11 de maio de 2006, no auditório do jornal *O Globo*.

¹⁹Informações fornecidas por Souza e Noblat.

chefe de sucursal, colunista. Como Secretário de Redação do jornal na capital paulista chegou a chefiar mais de 300 jornalistas, entre eles correspondentes estrangeiros distribuídos em pontos estratégicos do mundo. O jornalista não esconde que se engajou no projeto sem muito entusiasmo. Só com o tempo foi ficando satisfeito com a audiência conquistada. “Não tinha a menor intenção de ter um blog nem a menor familiaridade com esse mundo da Internet. Só usava o computador para escrever matérias e mandá-las para a redação. Mas o jornal entendeu que havia um nicho a ser explorado”, diz (*Portal Imprensa*, 29 nov. 2006).

Em paralelo aos grandes veículos, dezenas de blogs independentes arriscaram uma cobertura alternativa da crise política do mensalão, mas poucos conseguiram popularidade e nenhum adquiriu *status* de fonte confiável de informação. (Franco, 2005). Para Zélia Adghirni e Fábio Henrique Pereira (2006), o nome de um jornalista conhecido confere um *label* (etiqueta) ao espaço. Esses autores opõem o tipo de jornalismo praticado em blogs como o de Ricardo Noblat e o de Josias de Souza aos serviços informativos dos principais portais informativos. Para eles, o jornalismo *online* praticado na última década (sobretudo a partir de 2000) é “o jornalismo banal do ‘cópia-cola’, nivelado por baixo”, ao passo que os blogs representam um jornalismo de autor. (Adghirni et alii, 2006, p. 1 e 2)

Num outro trabalho, Adghirni e Gilson Ribeiro (2001) lembram que a entrada do *Jornal do Brasil* na Internet, em 1995, foi o marco inicial do jornalismo digital no Brasil. Na época, o conteúdo editorial do jornal em papel passou a ser reproduzido também na Web. Só numa segunda etapa o *JB* e outros jornais começaram a produzir conteúdo exclusivamente para a Internet²⁰.

A origem dos noticiários de Internet em tempo real é associada por Adghirni (2002) à criação da *World Wide Web*, no início da década de 90, por uma equipe de físicos do Laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN). Isso porque esse sistema permite a interconexão, via hipertexto, de todos os documentos disponíveis

²⁰Segundo Ferrari (2004), foi a partir de um acordo entre *JB* e *Agência JB*, em 1996, que o conteúdo da edição eletrônica do jornal passou a ser alimentado *online*. Foi também em 1996 que, de acordo com a autora, o Grupo Folha lançou o Universo Online, com notícias veiculadas em tempo real.

na rede. A circulação da informação nesses circuitos altamente velozes trouxe para a Internet a noção de tempo real.

Por meio deste breve histórico acerca da origem dos blogs, procuramos mostrar como, pouco a pouco, essas páginas foram deixando de se caracterizar como diários pessoais e ganharam novos usos sem, contudo, perder o tom autoral. Mesmo nos blogs produzidos por jornalistas e hospedados nos portais de notícias dos principais grupos jornalísticos do país (que são as que nos detemos a estudar nesta dissertação), a subjetividade dos autores desponta como característica fundamental. Se não falam *de si*, os jornalistas-blogueiros falam *a partir de si*, sem perseguir os padrões jornalísticos que predominam na grande imprensa.

Essa mudança de perspectiva, que afeta a própria identidade profissional do jornalista, nos parece ter um papel fundamental na compreensão do processo por meio do qual os blogs vêm sendo incorporados ao jornalismo. Uma das hipóteses deste trabalho é que, uma vez apropriada pelos jornalistas, essa ferramenta vem renovando o jornalismo – tanto em formato narrativo quanto em conteúdo e modo de interação com o leitor.

2.2

Tipos, características

Os blogs não têm regras fixas, esta é a regra dos blogs. Sua maior riqueza é a liberdade absoluta para misturar gêneros, linguagens e formatos: o nitidamente jornalístico e o absolutamente pessoal. Mesmo acreditando que os blogs desafiam classificações e juízos, expandindo as fronteiras dos gêneros narrativos, cabe aqui um esforço pela definição do *corpus* deste trabalho.

Raquel da Cunha Recuero (2003) divide os blogs existentes em três categorias: diários eletrônicos, publicações eletrônicas e publicações mistas. Os diários eletrônicos são os blogs que servem como canal de expressão da vida pessoal de seu autor. São como diários: possuem narrações sobre fatos do dia-a-dia e pensamentos. Já as publicações eletrônicas se destinam sobretudo ao registro de informações de interesse mais abrangente. “Trazem, como revistas eletrônicas,

notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do blog. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam” (Recuero, 2003, p. 3). As publicações mistas reúnem *posts* sobre a vida do autor e informativos.

Embora apresentem, vez por outra, notas mais pessoais, consideramos os três blogs que compõem o *corpus* desta dissertação como publicações eletrônicas de cunho jornalístico, feitas por jornalistas. Mesmo Jorge Bastos Moreno, que é, dos três blogueiros, o que mais usa o veículo para falar de si trata predominantemente de temas jornalísticos. Dados sobre sua vida e sua carreira estão quase sempre compondo uma narrativa de interesse mais abrangente, que dissemina dados obtidos a partir de rotinas produtivas da atividade jornalística (apuração, redação e divulgação).

Os blogs de que tratamos também têm em comum o fato de terem a política como tema central e serem produzidos em Brasília. Além disso, são veiculados em portais de Internet ligados a três dos maiores grupos jornalísticos do país. O Blog do Noblat está hospedado no portal de *O Estado de S. Paulo*; o blog de Souza, “Nos bastidores do poder”, é vinculado ao portal da *Folha de S. Paulo*, e o de Moreno é veiculado pelo portal do jornal *O Globo*²¹. Os três blogs têm também espaço para comentários, a partir do qual se dá uma interação entre leitores e dos leitores com o jornalista. Uma breve descrição da apresentação desses veículos se faz necessária:

Blog do Noblat

Acima até do cabeçalho do blog, há uma propaganda (o anunciante varia de tempos em tempos) ocupando uma faixa horizontal. No canto direito, também acima do cabeçalho, fica um ícone de pesquisa a partir do qual o internauta pode fazer a busca sobre o que deseja encontrar na Web ou no próprio blog. O cadastramento dos leitores que querem fazer comentários é feito num pequeno ícone logo abaixo, onde está escrito “Cadastre-se”.

O cabeçalho traz o nome do blog e uma foto de Noblat. À esquerda da página virtual há sete *links* fixos: página inicial, artigos (com o arquivo de todos os artigos já

²¹Oficialmente, seu blog chama-se “Jorge Bastos Moreno, blog do colunista”, mas tanto o próprio jornalista como seus leitores só o chamam de Blog do Moreno. Assim também a página é chamada no *Globo Online*, como confirma o coordenador de blogs da casa, Paulo Mussoi. É por isso que, neste trabalho, chamaremos o blog de Jorge Bastos Moreno simplesmente de Blog do Moreno.

publicados no blog), entrevistas (com entrevistas históricas realizadas pelo próprio Noblat ou por outros jornalistas de outros veículos), biblioteca (arquivo variado de imagens, músicas veiculadas no blog, discursos etc), especiais (matérias e *posts* de coberturas especiais do blog) e perfil (texto do próprio Noblat sobre sua trajetória profissional).

No alto, à direita, há sempre uma enquete. Os internautas são convidados a responder sobre algum tema político, sobre o qual podem ler argumentos contra e a favor. Logo abaixo, passam os títulos dos *posts* daquele dia. Mais abaixo vêm *links* para: as regras do blog; a estação de rádio Jazz & Tal, a sessão “Desabafe” (registra queixas de leitores), uma seleção de imagens, a sessão “Vale a pena acessar” (recomendação de blogs, fotologs e *sites* interessantes) e uma lista com as publicações de autoria de Noblat. Na parte central do blog, fica a “Frase do dia”, fixa, e abaixo os *posts* que vão se sucedendo ao longo da jornada.

O Blog do Noblat é, na comparação com o de Moreno e o de Josias de Souza, o que tem mais sessões e também o que disponibiliza o maior número de postagens diárias. Depois que passou a hospedá-lo no portal do *Estadão*, Noblat contratou dois jovens repórteres: Felipe Recondo e Gustavo Noblat, seu filho. Enquanto Felipe é encarregado de acompanhar o que se passa no Congresso, Gustavo fica mais solto para apurar notícias variadas, quase sempre no campo político. O fato de ter uma equipe não altera a característica “pessoal” de seu blog, segundo o próprio Noblat. O jornalista disse: “Leio tudo antes e é inevitável que eu meta a mão. Não que os textos sejam ruins, é para imprimir a minha marca” (*Observatório da Imprensa*, n. 405, 30 out. 2006).

Os primeiros *posts* vão ao ar ainda de madrugada. São quase sempre trechos de notícias publicadas em outros jornais (não há restrições a veículos concorrentes do *Estadão*). Pela manhã vai ao ar um *post* intitulado “Música do dia”, com algum comentário sobre seu intérprete e o *link* que permite ao visitante escutar a canção. Seu blog também veicula artigos de jornalistas (como Lúcia Hipólito e Cláudio Abramo) e não-jornalistas (como os cientistas políticos Murillo de Aragão e Bruno Rocha Lima); alguns deles são colaboradores fixos do blog. As notas e matérias ou reportagens exclusivas, apuradas pelo próprio Noblat ou por seus repórteres,

costumam ser veiculadas durante a tarde, quando se concentra a movimentação política em Brasília (mas podem ir ao ar em qualquer horário).

O blog publica charges políticas com muita frequência. Uma foto representativa dos acontecimentos do dia, a “Foto do dia”, é postada diariamente. Outro *post* de título fixo, veiculado todos os dias, é o “Poema da noite” (como a “Música do dia”, não precisa estar relacionado aos acontecimentos do momento). Além do poema, a sessão traz um trecho sobre seu autor.

O número de postagens ao longo de um dia varia conforme os acontecimentos. Na maior parte das vezes, são veiculados em torno de 30 diferentes conteúdos, mas num dia de cobertura importante a quantidade pode passar de 100. No dia da eleição de Severino Cavalcanti à presidência da Câmara dos Deputados, em fevereiro de 2005, foram veiculados 200 *posts*. Acima de cada um, há o dia e a hora em que foi ao ar. Abaixo, há três *links*. Um conduz à leitura dos comentários já deixados sobre aquela notícia, outro ao envio de um comentário. A partir do terceiro, o leitor pode enviar o *post* a um amigo.

Blog do NOBLAT Página 1 de 19

estadao.com.br

O ESTADO DE S. PAULO | JORNAL DA TARDE | AGENCIA ESTADO | ELDORADO AM | ELDORADO FM | LISTA.COM.BR

Fique d'OU

PESQUISAR:

NA WEB NESTE BLOG

[AJUDA](#) | [CONTATO](#) | [CADASTRE-SE](#)

BLOG DO NOBLAT .COM.BR Brasília, 20 de Dezembro de 2006

PÁGINA INICIAL

Vou vadiar um pouco.

Marcio Thomaz Bastos, sobre o que pretende fazer quando deixar o Ministério da Justiça

20/12/2006 11:40

TSE reduz à metade o tempo de propaganda dos grandes partidos no rádio e na televisão

Tempo de propaganda de candidatos em ano eleitoral no rádio e na televisão é uma coisa.

Outra é o tempo de propaganda dos partidos em ano eleitoral ou não no rádio e na televisão.

Uma resolução aprovada ontem à noite pelo plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) **reduziu à metade** o tempo de propaganda dos grandes partidos. E distribuiu o resto do tempo com os partidos menores.

A nova regra reduz:

- * de 20 minutos para 10 minutos por semestre o tempo dos programas em bloco dos grandes partidos;
- * de 40 minutos para 20 minutos por semestre o tempo de anúncios de

ENQUETE

Você acha que nossos deputados e senadores valem o aumento salarial de 91% que eles se auto-concederam?

Leia argumentos favoráveis e contrários.

Sim Não

DESTAQUES DO DIA NO BLOG DO NOBLAT

10:00 Fala, Presidente!

- + REGRAS DO BLOG
- + OUÇA A ESTAÇÃO JAZZ & TAL
- + DESABAFE!
- + IMAGENS
- + VALE A PENA ACESSAR
- + PUBLICAÇÕES DO NOBLAT

<http://noblat1.estadao.com.br/noblat/visualizarConteudo.do> 20/12/2006

Nos bastidores do poder

O blog de Josias de Souza tem uma estrutura mais simples do que o de Ricardo Noblat. Acima de todos os conteúdos, numa tira horizontal fina, vêm: o ícone do UOL, portal que hospeda a *Folha Online*; um *link* de assinatura dos serviços do portal; um ícone de busca e outro de serviço (com *links* para mais de dez sessões, como classificados, horóscopo, noticiário do UOL etc). No mesmo retângulo do cabeçalho, que traz o nome do blogueiro e o do blog, vêm as marcas Blogs da Folha e *Folha Online*.

Os *posts* ocupam quase toda a mancha gráfica da página virtual. O lado superior direito traz uma foto de Souza com o *link* para um breve perfil profissional. Abaixo do perfil estão os *links* para: página principal, colunas (traz os *posts* preferidos do autor do blog), entrevistas (feitas pelo próprio Souza com personalidades da política), reportagens (seleção de reportagens especiais publicadas no blog), coluna “Secos e molhados” e as regras do blog. Abaixo vêm *links* para quatro “*sites* relacionados”: *Folha Online*, UOL, BOL e Transparência Brasil. O terceiro grupo de *links* conduz os leitores para os demais blogs da *Folha Online* e o quarto para as notícias da *Folha Online*. Mais abaixo vêm um mecanismo de busca no blog e um arquivo de todas as postagens já veiculadas.

Souza faz seu blog sozinho e normalmente publica em torno de 5 *posts* por dia, com comentários próprios (embora esse número possa ser maior ou menor, dependendo dos acontecimentos do dia). Não costuma publicar textos de terceiros, mas muitos de seus *posts* vêm com *links* para matérias da *Folha Online*. Seus textos vêm quase sempre acompanhados de fotos ou ilustrações criativas escolhidas pelo próprio blogueiro e que têm algum tipo de ligação com o assunto tratado. Ele publica ainda as manchetes do dia em cinco jornais que considera relevantes (*O Globo*, *Folha*, *Estadão*, *Correio* e *Valor*) – essa é a primeira nota do dia, veiculada em torno de oito da manhã. No mesmo *post* que traz as manchetes há um *link* para uma página da Agência Brasil com a sinopse das principais notícias em mais de dez jornais nacionais.

O jornalista conta que já passou pela fase de fazer muitos *posts* por dia, mas aos poucos se deu conta de que “seu papel era outro”. Hoje, em vez de tentar

acompanhar acontecimentos em tempo real, concorrendo com os serviços criados com esta finalidade, dedica-se a produzir um menor volume de conteúdos exclusivos, na maior parte das vezes analíticos ou opinativos. (*Portal Imprensa*, 29 nov. 2006). Abaixo de cada *post* há o horário em que a nota foi veiculada; o *link* “Comentários”, a partir do qual o internauta lê o que escreveram os outros leitores do blog e, se quiser, deixa suas próprias impressões, e o *link* “Enviar por e-mail”, a partir do qual é possível mandar cópia do *post* a alguém pela Internet. O dia em que a mensagem foi postada aparece antes da primeira nota de cada dia.

Folha Online - Blogs - Josias de Souza Página 1 de 14

10 ANOS ASSINE BUSCA Web Notícias ÍNDICE PRINCIPAL

BLOGS DA FOLHA **FOLHA ONLINE**

JOSIAS DE SOUZA
nos bastidores do poder

11/12/2006

Uma boa e uma má notícia

Primelro, a boa nova: o signatário do *blog* sairá em férias nesta segunda-feira (11). Agora, a má notícia: como não pode tirar férias de suas dívidas, o repórter voltará à realidade no próximo dia 30. A tempo de acompanhar a virada do ano e a posse de Lula II.

Há abaixo um lote de nove despachos. São textos e imagens atemporais. Não deixe de ler/ver. Se quiser deixar comentários, por favor, não hesite em fazê-lo. Mas lembre-se: você está no *blog* do "eu sozinho". É o próprio signatário quem libera as

manifestações dos leitores.

Enquanto estiver desfrutando do imerecido repouso, só de raro em raro o repórter virá a este recanto virtual. Não conte com a liberação

PERFIL
Josias de Souza, 44, é colunista da Folha de S.Paulo.

- Página principal
- Colunas
- Entrevistas
- Reportagens
- Secos & Molhados
- Regras

SITES RELACIONADOS

- Folha Online
- UOL - O melhor conteúdo
- BOL - E-mail grátis
- Transparência Brasil

BLOGS DA FOLHA

- Fábio Seixas
- Ilustrada no Cinema
- Josias de Souza
- Marcelo Coelho
- Marcelo Katsuki
- Maria Inês Dolci
- Rodolfo Lucena
- Soninha

BLOG

<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/> 20/12/2006

Blog do Moreno

O blog do colunista fica dentro da estrutura do *Globo Online*, portal do jornal *O Globo*, que por sua vez fica dentro da estrutura do Globo.com, que é o portal das Organizações Globo²². Quem entra no blog do Moreno vê, bem ao alto, o símbolo da Globo.com e, ao lado dele, como se fossem marcações de um fichário, caminhos para: notícias (portal G1, da TV Globo), esportes (página do programa Globo Esporte), entretenimento (reúne o conteúdo de programas de entretenimento dos canais da Rede Globo, como TV Globo, GNT e Multishow), vídeos (tevé interativa do Globo.com), o ícone “Assine já” (onde se pode assinar os serviços do Globo.com, como acesso a banda larga) e o ícone “Todos os sites” (a lista, com os respectivos *links*, para todos os *sites* das Organizações Globo). Logo abaixo vem uma faixa horizontal com propaganda.

Antes do cabeçalho do blog há ainda uma faixa com as referências do *Globo Online*, com local para busca no blog e na *web*, tempo no Rio de Janeiro e *link* que conduz o usuário a 22 endereços no portal (entre eles, as editorias de notícias e a sessão “Eu repórter”, que veicula conteúdo apurado por leitores e finalizado por jornalistas da empresa). A estrutura da página sugere que os blogs são parte de um projeto organizacional mais abrangente, que encara esses veículos como complementares aos demais oferecidos pelas Organizações Globo.

No extremo à esquerda da mancha gráfica está a lista dos 54 blogs hospedados no portal do *Globo Online*. No extremo à direita há uma breve descrição do Blog do Moreno, uma sessão de textos favoritos (podem ser acessados conforme o período em que foram veiculados) e um *link* para a última coluna de Moreno no jornal *O Globo* (ele escreve todos os sábados, numa página considerada nobre no jornal, que é a 3). Abaixo, há também *links* para dois outros blogs do Globo, indicados por Moreno: o de Ilimar Franco e o de Tereza Cruvinel – ambos sobre política.

O cabeçalho do blog ocupa apenas a parte central da página virtual. Ali fica o nome oficial do blog, “Jorge Bastos Moreno, blog do colunista”, uma foto de Moreno

²²Conforme o organograma das Organizações Globo, a Globo.com está ligada à Rede Globo de Televisão mas, na prática, funciona como um portal das Organizações, que chama para o conteúdo de todas as empresas jornalísticas do grupo.

e um mecanismo de busca no próprio blog, a partir de palavras-chave. Moreno, que além de colunista é também chefe da sucursal de Brasília do jornal *O Globo*, é, na comparação com Noblat e Souza, quem menos abastece seu blog. Só costuma escrever mais de um *post* diário em períodos especialmente movimentados no que se refere à cobertura política de Brasília (como véspera das eleições presidenciais, período de instalação de CPIs etc). Seus textos podem ser bem curtos ou longos, podem ser mais informativos ou bastante pessoais, mas quase sempre misturam as duas coisas.

O tamanho dos *posts* varia muito e a linguagem é bastante coloquial (mais do que a utilizada por Noblat e Souza). Moreno escreve como fala e, na pressa para cumprir sua múltipla agenda, comete erros de digitação com alguma frequência. Várias vezes usa abreviações. Chegou a dizer: “Se estou na dúvida se um porque é junto ou separado, escrevo pq e pronto”. Ele acha que, se ficar lendo e relendo seus textos para tirar incorreções, vai acabar desistindo de publicá-los. Seu objetivo é que seus *posts* nasçam espontâneos²³.

Acima de cada *post* vem escrito “enviado por Jorge Bastos Moreno” e a data e hora da postagem. E abaixo dos *posts* vêm *links* para receber o blog, para escrever um comentário (só para leitores cadastrados) e para ler os comentários já deixados.

²³Moreno falou do assunto em palestra durante o evento comemorativo dos 10 anos do Globo Online, realizada em 11 de maio de 2006, no auditório do jornal *O Globo*, no Rio.

2.3

Uma outra relação com o leitor; comunicação como processo

“O deputado José Dirceu foi um dos responsáveis pela operação política que transformou o PT no seu contrário. E o PT, que lutou 20 anos para convencer o povo brasileiro de que era diferente dos outros partidos, hoje, para salvar a própria pele, luta para dizer que é apenas igual a todos os outros, e não pior. Essa é a tragédia do PT; essa é a tragédia do deputado José Dirceu.”

O trecho acima faz parte do artigo semanal da deputada Luciana Genro. Acabei de postá-lo na seção Artigos, aí do lado.

(Blog do Noblat, 2 dez. 2005)

O texto acima foi veiculado no blog do jornalista Ricardo Noblat poucos dias após a cassação do mandato do deputado federal José Dirceu²⁴ pelo Conselho de

²⁴Um dos fundadores do PT, José Dirceu (PT-SP) ocupou a chefia da Casa Civil da presidência da República nos três primeiros anos do primeiro governo Lula. Sua cassação ocorreu na noite de 29 de novembro de 2005, na Câmara dos Deputados, por 293 votos a 192. Motivo da cassação: a suspeita de que Dirceu chefiava um esquema do “mensalão”.

Ética da Câmara dos Deputados e ilustra um dos vários formatos que o jornalista usa para abastecer seu blog. Noblat publica notas feitas por ele mesmo ou por integrantes de sua equipe, mas também reproduz notícias de outros jornais e artigos assinados, como o de Luciana Genro.

É grande a variedade de formatos utilizados nos três blogs que compõem o *corpus* desta dissertação. O que mais chama a atenção, no entanto, é a capacidade que tais conteúdos têm de suscitar discussão entre os leitores. O artigo de Luciana Genro, por exemplo, rendeu mais de 20 comentários poucos minutos após ter sido posto no ar. Até o fim do dia, 79 pessoas registraram suas opiniões acerca do que disse a deputada. Tanto no blog de Noblat quanto nos de Jorge Bastos Moreno e Josias de Souza, cada conteúdo veiculado vem com um *hiperlink* que remete à leitura dos comentários de outros leitores e um que conduz o internauta a deixar suas próprias impressões. Não é raro uma única nota render centenas de comentários. Em dias de pico de audiência, como em agosto de 2005, no auge da “crise do mensalão”, uma mesma nota do Blog do Noblat freqüentemente alcançava 500 comentários.

A comparação com as colunas de cartas dos leitores dos jornais que hospedam os blogs de que tratamos ajuda a dimensionar a força desses veículos como espaço capaz de suscitar a discussão pública. O “Fórum dos Leitores” de *O Estado de São Paulo* publica, em média, 10 cartas num dia. Já o “Painel do Leitor”, da *Folha de S. Paulo*, costuma publicar em torno de 10 cartas e a sessão “Cartas dos Leitores”, de *O Globo*, abre espaço para em torno de 25.

A vantagem dos blogs em relação aos jornais de papel, nesse sentido, não é apenas quantitativa. A carta do leitor representa a fala de alguns (poucos leitores selecionados, entre os muitos que enviaram suas cartas) para muitos (o público leitor do jornal). As opiniões expostas normalmente representam um *feedback* em relação a assuntos de que o jornal tratou. Não há, como nos blogs, possibilidade de interação em tempo real, de troca viva de idéias “de muitos para muitos” (Lévy, 1999), com possibilidade, inclusive, de participação do jornalista responsável pelo texto em questão.

Há pessoas que entram na área de comentários do blog para criticar o presidente da República, não importa qual o conteúdo do texto veiculado; outras estão

a postos para defender o governo desses críticos compulsivos, ou aproveitam o canal para fazer suas próprias denúncias; alguns se dirigem ao jornalista para dar um *feedback* sobre o *post* em discussão. Há quem faça comentários mais gerais e ainda aqueles que comentam os comentários de outros leitores, travando um quase sempre acalorado debate público.

Muito espaço, poucas regras. Para ter um comentário publicado, um leitor não precisa disputar espaço com outro, como nas sessões de cartas. Basta que não escreva demais²⁵, não use palavrões e se cadastre no blog. Se preferir não se expor, o leitor pode fazer seus comentários usando um nome falso ou um apelido – a maioria faz assim. Os leitores do Blog do Noblat são os que mais usam pseudônimos, muitos deles bastante curiosos, como “Paulo Francis voltou!”, “Ex-militante PT arrependido e envergonhado”, “Sarcástico” e “Nariz Gelado”. Sem maiores preocupações com o que conhecidos vão achar de suas opiniões, eles soltam o verbo. A rigor, não precisam sequer dizer o que de fato pensam; podem fazer do blog um espaço de provocação para ver o circo da discussão política pegar fogo.

Ao registrar suas opiniões, muitos leitores desses leitores sentem-se encorajados a usar um tom tido pelos blogueiros como excessivamente agressivo. É por isso que os comentários dos blogs de Moreno, Noblat e Souza passam por uma filtragem. No Blog do Noblat, a censura é feita por auxiliares do jornalista depois que o comentário vai ao ar. O leitor previamente cadastrado escreve o que quiser, mas se ferir as normas do blog tem seu comentário descartado. Se exagerar demais, pode até ser bloqueado e, nesse caso, ter todas as suas participações ao longo da história do blog retiradas. Até outubro de 2004, nem cadastro era necessário, mas o blog sofreu um ataque e Noblat achou que criar essa obrigatoriedade seria uma forma de desestimular leitores mal-intencionados. No blog de Moreno, também é necessário se cadastrar antes de deixar um comentário.

Logo que criou seu blog, Josias de Souza lia tudo que seus leitores escreviam, mas o imenso crescimento do número de mensagens deixadas o fez parar. “Comecei fazendo um monitoramento. Lia e, se achava pertinente, publicava. Depois cresceu

²⁵Nos blogs de Noblat e de Souza, o limite do texto de comentário é de de mil caracteres, o que dá em torno de 15 linhas. No blog de Moreno, o comentário pode ter até 1.024 caracteres.

exponencialmente o número de comentários. Estava gastando 60% do meu tempo liberando comentários. Aí resolvemos liberar geral, entrava qualquer coisa.” (*Portal Imprensa*, 29 nov. 2006). O blog passou a receber tantos comentários ofensivos que o jornalista-blogueiro acabou se desencantando com o espaço do leitor. Passou alguns meses praticamente sem ler o que os leitores escreviam.

O quadro mudou em função de uma decisão judicial de setembro de 2006. Um blog chamado *Imprensa Marrom* foi condenado a pagar uma indenização por causa da publicação do comentário de um leitor. A juíza entendeu que o texto era ofensivo a uma empresa e condenou o responsável pelo blog – e não o autor do comentário – ao pagamento de uma indenização de R\$ 3.500. A contragosto, Souza teve de voltar a fazer uma filtragem. Vários trechos de sua entrevista demonstram seu desencantamento:

A gente faz um esforço extraordinário para levar bom jornalismo aos leitores, põe no blog informações em primeira mão sempre que possível, trabalha feito um louco até de madrugada, aí vem um idiota e deixa um comentário que não tem nada a ver com nada, xingando, usando palavrão. Eu tinha parado de ler. [...]

Tem muita baixaria, muita ofensa pessoal. Escondidas atrás de apelidos, as pessoas se sentem à vontade para desqualificar políticos, empresas, jornalistas. Se fosse uma crítica aceitável, tudo muito bem, mas são comentários com palavras de calão muito raso.

Havia um leitor, do Rio de Janeiro, nunca me esqueço do nome porque ele era muito centrado, seus comentários eram bem-escritos, sempre pertinentes. [...] Sinvaldo. Num dado momento, ele se cansou. Entrava, sempre compenetrado – percebia-se que ele tinha se preparado para fazer o comentário [...] mas aí o povo saía matando: “Sai para lá, Sinvaldo”, chegavam a xingá-lo. Há uns dias, depois de uma fase de sumiço, vi um comentário dele. Fiz questão de escrever: “Ô, Sinvaldo, você por aqui. Fico feliz de saber que você ainda está aí do outro lado.” A volta do monitoramento o estimulou a escrever novamente, com a mesma frequência de antes. Mas o baixo nível médio continua o mesmo. Essa minha desilusão é inevitável.
(*Portal Imprensa*, 29 nov. 2006)

Como Souza, Moreno e Noblat quase todos os dias são criticados, xingados, provocados. Mas o posicionamento de cada um em relação a essa realidade é bem diferente. Para Noblat, é nessa confusão democrática que está a novidade do blog. Ele acha até graça de num dia ser chamado de petista, outro de tucano, em seguida de

pefelista. Palavrão ele não deixa passar, nem comentário que possa se configurar como calúnia, mas o resto fica lá na área de comentários. “Cada um tem direito de achar o que quiser. Se você não for capaz de entender isso, então é melhor não fazer blog”, diz. (*Observatório da Imprensa*, n. 405, 30 out. 2006).

Noblat é, dos três, quem mais acredita no blog como ferramenta de interação com o leitor – e faz melhor uso dela. Ele criou, em seu blog, uma sessão chamada “Calçada da fama”, em que destaca falas interessantes, e as comenta. O jornalista conta que, mesmo depois que auxiliares passaram a fazer a filtragem dos comentários do blog, não deixou de acompanhar o que seus leitores dizem:

Passo o dia todo lendo comentários, respondendo *e-mails*. Nunca chegam menos do que 100 *e-mails*. E aí tem de tudo. Sugestão de nota, dica de notícia, consulta sobre assuntos diversos. Até mãe me perguntando se a filha tem jeito para o jornalismo. Respondo a todos, geralmente de madrugada. Leio os comentários que são postados nas notas, a grande maioria deles; quando tenho mais tempo leio todos. Às vezes, destaco um comentário mais inteligente, mais provocador, que eu saiba que pode gerar uma discussão legal no blog; outras vezes respondo comentários no próprio blog – para isso criei uma sessão chamada “Calçada da fama”. Quando faço isso os leitores gostam muito. (*Observatório da Imprensa*, n. 405, 30 out. 2006).

Para Noblat, um blog só pode ser chamado assim se, além de área de comentário, tiver interação com o autor dos *posts*:

Com esse sucesso dos blogs, todo mundo agora chama tudo de blog. E não é. Blog é um espaço com algumas características específicas: tem de ter o espaço para as pessoas comentarem e você dialogar com elas. Se não vira uma coluna eletrônica de notas e só. Se você bota nota, as pessoas comentam e acabou, não há diálogo. Se não tem esse diálogo, não é blog. O Kibe Loco diz que é blog e não é. Tem espaço para comentários? Não. Então sinto muito, é *site*. O cara fica revoltado quando digo isso porque quer pegar carona nessa história de blog. (*Observatório da Imprensa*, nº 405, 30 out. 2006).

Moreno só costuma responder aos comentários que mais o irritam. Vez por outra, o jornalista briga com algum leitor que considera inconveniente. No *post* a seguir, o jornalista chama a atenção do leitor “Silvio Roberto”, que costumava fazer comentários excessivamente extensos, enviados ao blog em partes.

Atenção Sílvia Roberto, o insaciável, a maioria dos leitores já tá de saco cheio com o excesso de comentários seus. Eu já te pedi. Mas você não se emenda. Resuma tudo num comentário só, homem. Ou então crie um blog só pra vc. Eu não sou presidente da República, todos eles, que vacila para tirar ministro e quando tira ainda manda dizer que o demitido é que está pedindo demissão. Não, eu não ameaço. Se vc insistir, eu te demito do meu blog. [...] (Blog do Moreno, 18 ago. 2006)

É o próprio Moreno que lê e seleciona os comentários enviados para seu blog. Diferentemente de Noblat, não publica aqueles que considera ofensivos a ele, a colegas de profissão ou a personalidades públicas. Como não passa o dia todo em função do blog, Moreno muitas vezes aprova os comentários várias horas depois de eles terem sido feitos – o que esfria o debate *online* entre leitores.

Nas palavras de Ricardo Noblat, o blog é um espaço de notícias, análises e debate que devia ser experimentado por todo jornalista, pois “ensina mais do que muitos anos de redação”. Ele considera que um blog ensina o profissional a levar mais em conta o gosto dos leitores, que por meio dos comentários manifestam com vigor suas preferências. É como se a Internet levasse os jornalistas a se darem conta daquilo que as mídias tradicionais muitas vezes parecem ignorar: que um jornal existe para seus leitores. Outra lição: ser mais humilde. “O leitor do blog não quer nem saber: baixa o pau no que você escreve. E as críticas dele, procedentes ou não, ficam registradas. Eu, pelo menos, não as elimino. Se o fizer, estarei na contramão do espírito democrático da Internet”. (*Observatório da Imprensa*, n. 314, 1 fev. 2005)

A leitura do Blog do Noblat confirma as palavras do blogueiro. Um número significativo dos comentários deixados é de críticas ao jornalista. São falas como essa, do leitor que assina “Alberto”: “NOBLAT, SEJA SINCERO!! VOCÊ É TUCANO??? ADMITA HOMEM!! OU SE NÃO QUER ASSUMIR, PROCURE AO MENOS DISFARÇAR!! ESTÁ RIDÍCULO!!” (Blog do Noblat, 7 dez. 2005 – a caixa alta faz parte do texto original do leitor).

Os comentários – de Noblat e do leitor – e a análise geral do blog reforçaram nossa opção metodológica de trabalhar a produção da notícia no blog como processo vivo, que necessita do receptor para existir. Num blog, fica nítido que é ele que configura e reconfigura o sentido da notícia. O leitor que o jornalista tem em mente quando produz um texto – aqui nos apropriamos do conceito de leitor-modelo, de

Umberto Eco (1986) – se explicita a partir de seus comentários. Como leitor empírico, se faz co-produtor do texto, na medida em que suas falas geram comentários de terceiros e muitas vezes do próprio jornalista. Torna-se evidente a noção de que o emissor é também receptor e vice-versa, num processo onde é difícil definir início e fim. Nesse contexto, seria impensável olhar para o leitor como ente passivo, a ser manipulado pela mídia. De passivo, o leitor do blog não tem nada. Ao contrário: ele xinga, briga, discute, faz grosseria, não mede conseqüências. Sua verborragia remete à imprensa pré-independência, tempos em que uma imprensa ainda sem regras definidas, se descobria²⁶ (Lustosa, 2000).

Tal abordagem vai ao encontro do modelo praxiológico proposto por Louis Querè (1981). A proposta do autor é um contraponto ao modelo epistemológico de análise na medida em que propõe uma compreensão dos fenômenos sociais a partir de uma produção e uma recepção coordenadas, num espaço público²⁷ no qual há um senso de coletividade, de práticas comuns e mediações simbólicas compartilhadas. Nas palavras do autor,

a idéia fundamental é então que a comunicação não é um processo no qual os estados intencionais são previamente providos de suas determinações [...], mas uma atividade conjunta de construção de uma perspectiva comum, de um ponto de vista compartilhado como base de inferência e de ação. (Querè, 1981, p. 7).

Se as falas de Noblat remetem às potencialidades do blog como espaço de interação com o leitor, as observações de Souza e de Moreno chamam a atenção para um contraponto importante: a relação que jornalistas estão estabelecendo com os leitores, a partir dos blogs, é altamente delicada e explicita certas limitações no jogo interativo. E, excessos à parte, os jornalistas não estão habituados a serem criticados por seus leitores. Quando têm opiniões e posturas profissionais questionadas estão sujeitos, como sujeitos que são, a reações intempestivas que não têm vez na relação com os leitores dos veículos tradicionais. São tomados por sentimentos como raiva (a reação de Moreno, de chamar publicamente a atenção para a postura do leitor) e

²⁶O tema é aprofundado no próximo capítulo.

²⁷O conceito de espaço público será trabalhado no capítulo 4

desprezo (a reação de Souza, de parar temporariamente de ler os comentários). É o tiro saindo pela culatra. Ávido por participar, o leitor exagera e pode afastar o jornalista.

Moreno acha que parte dos excessos ocorre porque o leitor, ao ficar conhecendo mais, a partir do blog, sobre o modo de ser do jornalista, acaba sentindo-se próximo demais. Ele disse: “No blog, o leitor se sente íntimo da gente. Tem uns caras que ficam falando: vem cá, negão, meu nego, meu preto. Dá vontade de xingar [...]” (*Lide*, n. 46, set./out. 2006). Trata-se de uma possibilidade a investigar.

2.4

Os blogs, a contemporaneidade e a transformação dos modos de narrar

Autores de linhas de pensamento distintas, que desde as últimas décadas do século XX dedicaram-se a traçar e a compreender as características da sociedade contemporânea, chegaram a pontos convergentes que nos auxiliam a traçar o cenário que abriga o objeto desta dissertação. Tanto os que classificam nossa época de pós-moderna (Lyotard, 1983; Baudrillard, 1991) quanto os que vêem mais continuidades do que rupturas entre a modernidade e o período que preferem chamar de modernidade tardia ou alta modernidade (Giddens, 1990; Hall, 2003) constatam que vivemos num mundo fragmentado, em que as identidades não são unificadas como no passado, mas múltiplas e variáveis – por vezes até mesmo contraditórias.

Como explica Hall (2003), o indivíduo contemporâneo vive uma crise de identidade que é parte de um processo amplo de mudança que está deslocando as estruturas das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Hoje, as identidades se formam e se transformam continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam (a mídia entre eles).

Isso se dá em paralelo a uma profunda modificação nas categorias de tempo e espaço que afeta modos de viver e sentir em toda parte. A sensação de aceleração do tempo e de encurtamento das distâncias, experimentada na modernidade com os meios de transporte de massa, é intensificada no início do século XX com a invenção

do rádio, do telefone e, um pouco mais tarde, da tevê. Em nosso século, essa aceleração é levada ao extremo. Com a popularização da Internet, o mundo fica do tamanho de uma tela de computador.

Queremos chegar ao seguinte ponto: os blogs são, no fundo, recortes do mundo na visão de um indivíduo; são fragmentos da realidade que vão ao encontro dessa vivência fragmentada de mundo do indivíduo contemporâneo. Se os jornais impressos já apresentam o mundo em recortes, nos blogs jornalísticos, essa lógica é levada ao extremo. Os jornalistas-blogueiros não se propõem a noticiar todos os assuntos (como nas editorias dos grandes jornais) e sim aqueles que mais lhes chamam a atenção, dentro de sua própria proposta de blog. Fazem recortes dentro de seus recortes temáticos e costumam esses fragmentos de fragmentos com suas experiências e/ou sua visão pessoal.

O caminho percorrido pelos estudos da Literatura, nas últimas décadas, contribui para a compreensão dos blogs jornalísticos como narrativas cuja análise tem um papel fundamental na compreensão de nosso tempo, na medida em que são espaços simultaneamente constituídos e constituidores de identidades nos dias de hoje. Harvey (1994) observa que, enquanto críticos literários modernistas têm a tendência de ver as obras como exemplos de um gênero e julgá-las a partir de um código-mestre, no estilo pós-moderno há uma tendência a ver a obra como um texto, num sentido mais amplo, "com retórica e idioleto particulares, mas que, em princípio, pode ser comparado com qualquer outro texto de qualquer espécie" (p. 49). Segundo o autor, dá-se a total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico, e isso ocorre de uma maneira peculiar: não há uma tentativa de transcendência ou oposição ao moderno, tampouco uma busca de elementos eternos e imutáveis ou de verdades absolutas. Tudo o que há são as "fragmentárias e caóticas correntes de mudança, como se isso fosse tudo o que existisse" (p. 49).

Quanto à natureza da linguagem e da comunicação, também emerge uma mudança profunda de ponto de vista. O desconstrucionismo surge, nesse contexto, como um modo novo de se ler e pensar a partir da seguinte premissa: todo texto que se produz é feito a partir de uma série de leituras anteriores que se entrelaçam. Da mesma forma, o leitor também dá sentido a um texto a partir de suas leituras prévias.

O próprio sentido de autoria é relativizado. Barthes (2004) afirma que “um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir sentido único [...], mas é um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original” (Barthes, 2004, p. 62)

Ele decreta a morte do autor (para ele uma personagem da modernidade) e o nascimento do escritor – alguém que se constitui a partir de seu texto. Para ele, a própria escritura é “a destruição de toda voz, de toda origem” (Barthes, 2004, p. 57). Eco (1976), por sua vez, agrega a noção de que um texto só se constitui no momento da leitura. É o destinatário que atualiza o seu sentido, que lhe preenche os interstícios; um texto tem sempre um sentido em aberto.

Na medida em que não mais se acredita em textos totalizadores, na história ganham importância as vivências do cotidiano; na literatura, o coloquial, a colagem, o fragmento. Na comunicação, por sua vez, aos poucos ganham espaço os estudos que, em vez de se limitarem a abordar a lógica de uma produção totalizadora, que impõe ao leitor um sentido acabado²⁸, passam a enxergar a comunicação como processo complexo, no qual o receptor é co-produtor de sentido (Souza, 2002).

No esforço por estudar os blogs nesse contexto, procuramos atribuir ao leitor um papel-chave. Ele ocupa a posição não de um receptor no sentido estrito do termo – alguém que apenas recebe determinada mensagem fechada – mas de alguém que participa ativamente do processo de comunicação, contribuindo para a própria configuração de sentido das mensagens. Nos blogs, claramente o receptor é alguém que também negocia sentidos (Martín-Barbero, 2002, p. 57).

²⁸Tanto a Teoria Crítica, desenvolvida na Escola de Frankfurt por autores como Adorno e Horkheimer, quanto a corrente teórica funcionalista, à qual pertence Lazarsfeld – ambas ainda hoje de grande importância no quadro teórico da Comunicação – por caminhos distintos atribuem ao receptor um lugar de passividade.